

AOS TELESPECTADORES DA “GABRIELA”:  
“POETA COM ASPAS”

- Varios telespectadores locais têm me procurado para comentar a existência de um “poeta de Mundo Novo”, aparecido na novela “Gabriela”. E, pela descrição dos ditos, é evidente que se trata de um “poeta” com aspas, um cara mais ou menos boçal. Pensando sobre o assunto, concluí que, criando um “poeta” com aspas, um “poeta” inventado, “fazido” e não nascido, Jorge revelou, mais um vez, o seu talento. Porque: poeta, poeta mesmo, sem aspas, só pode ser inventado por um romancista que seja, ao mesmo tempo, poeta. Exemplo: Vitor Hugo. E poeta é coisa que Jorge nunca foi. Romancista de talento, sim. Poeta, não! Poeta é quem escreve poesias: - “*Admator de granito, com a testa roça o infinito e a barba molha no mar*”. - “*E a terra na vaga de azul do infinito cobria a cabeça com as penas da noite*”. - Castro Alves. “*Para iludir minha desgraça, estudo*”. - “*Intimamente sei que não me iludo*” - Augusto dos anjos. “*Verdes teus olhos são. E de verde vestida, a quem te vê assim tudo é verde na vida*” - Alberto de Oliveira. “*Eu sou o olhar, tu és a estrela. eu contemplo, tu reluzes*”, - Vitor Hugo.
- Quanta coisa bonita, quanta poesia poderia continuar citando, de um Raimundo Correia, de um Artur de Sales, de um Olavo Bilac, de um Da Costa e Silva, de um Jorge de Lima, de um Manoel Bandeira, de um Raul de Leoni, etc., etc., etc.! Ora, romancista que não é poeta, pra inventar um poeta pra novela, só pode fazer o que Jorge fez: um “poeta” com aspas, um boçal. É fácil para um romancista de talento, fazer uma Capitu, uma Gabriela, um Pedro Borges. Mas não é fácil, e é mais do que difícil, é impossível, é fazer um poeta sem aspas. Daí o recurso que revela, mais uma vez, o talento de Jorge: apelar para as aspas, para o boçalismo. Mas, por que “de Mundo Novo”? Não sei. Em 1929 conheci Jorge no, então, Ginásio Ypiranga, (atual Colégio Ipiranga). Fomos companheiros de preparatórios, de bancas de exames. Por insistência dele passei parte de minhas férias daquele ano com ele, na fazenda de cacau do Cel. João Amado, seu pai, no município de Ilhéus. Ignoro se ele, depois de ter atingido as alturas máximas da fama, ainda se recorda daqueles dias, daquele convívio. Mas imagino que venha daí, talvez, a lembrança do nome de Mundo Novo, lamentavelmente para ser apontado como berço de um personagem boçal. Não creio que tenha feito isto com a intenção de “bolir” com o antigo companheiro de lides ginasianas.
- Nós, de Mundo Novo, não poderíamos exigir de Jorge o impossível: criar um personagem poeta que fosse poeta mesmo. Porque, para isto, seria preciso que ele, Jorge, fosse poeta. E poeta ele nunca foi. Romancista de talento, sim. Poeta, não!
- Poeta do “Ypiranga”, em nosso tempo, não se chamava Jorge, chamava-se José: - José Bastos, de Itabuna. E havia ainda um outro, também José - José Severiano, do Piauí. E ainda um terceiro que era o maior e não era José, era Ivan: Ivan Americano, de Salvador.

Mundo Novo, 13 de setembro de 1975.  
EULÁLIO MOTTA